

OS NOVISSIMOS: MORTE, JUÍZO, INFERNO, PARAISO

«Em todas as tuas obras, lembra-te do teu fim, e jamais haverás de pecar.» (Sir 7,36) O sábio Bem Sirá ensina a fazer o bem durante a vida terrena e meditar sobre a brevidade da vida terrena: *«Em todas as tuas obras, lembra-te do teu fim e jamais haverás de pecar»* (Sir 7,36). Podemos traduzi-la de forma atualizada: *«Em todas as tuas obras, lembra-te dos novíssimos e deixarás de pecar»*.

Os quatro «Novíssimos» são os seguintes: morte, juízo, Inferno e Paraíso. Ninguém poderá evitar estas realidades últimas da vida terrena, pois, enfrentar a morte, suportar o juízo, ser precipitados no abismo do Inferno ou ser elevados à felicidade eterna do Céu é para todos. O momento da morte é deixar este mundo e entrar eternidade, deixar o que é transeunte e passar para a vida definitiva: entrar na eternidade do Inferno ou na eternidade do Paraíso. Vamos ler os números 1021-1022 do Catecismo da Igreja Católica:

1021. A morte põe termo à vida do homem, enquanto tempo aberto à aceitação ou à rejeição da graça divina, manifestada em Jesus Cristo (Cf. 2 Tm 1, 9-10). O Novo Testamento fala do juízo, principalmente na perspectiva do encontro final com Cristo na sua segunda vinda. Mas também afirma, reiteradamente, a retribuição imediata depois da morte de cada qual, em função das suas obras e da sua fê. A parábola do pobre Lázaro (Cf. Lc 16, 22.) e a

palavra de Cristo crucificado ao bom ladrão (Cf. Lc 23, 43), assim como outros textos do Novo Testamento (Cf. 2 Cor 5, 5; Fl 1, 23; Heb 9, 27: 12, 23), falam dum destino final da alma (Cf. Mt 16, 26), o qual pode ser diferente para umas e para outras. (1021)

1022. Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação (Concílio de Trento, Decretum de purgatorio: DS 1820.), quer para entrar imediatamente na felicidade do céu (612), quer para se condenar imediatamente para sempre (613).

Ninguém pode evitar esta escolha fundamental entre salvação ou perdição. É uma escolha pessoal em que ninguém pode ser substituído, a escolha final, a mais decisiva de todas as escolhas humanas. Tal escolha é feita ao longo da vida terrena: «*Quem vive bem, morre bem, quem vive mal, morre mal*» diz a sabedoria popular. Quem escolhe viver bem, segundo a Vontade de Deus, caminha para o Paraíso, mesmo se precisar algum tempo de purificação no Purgatório. Quem não faz uma escolha decidida para o Paraíso, significa que quer arriscar a eternidade do Inferno.

«A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta; mas a maior parte deles é trabalho e miséria, passam depressa e nós partimos. Mesmo temendo-te e respeitando-te (Senhor), quem poderá compreender a tua ira e indignação? Ensina-nos a contar assim os nossos dias, para podermos chegar ao coração da sabedoria» (Salmo 90, 10-12)

A Igreja intercede continuamente pelas almas do Purgatório e dedica-lhes o mês Novembro. O Catecismo da Igreja Católica diz que o purgatório é a *«purificação final para aqueles que «morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna»* (CIC 1030). As almas do purgatório têm a feliz esperança de participar nas alegrias eternas do Céu, embora precisam de se purificar.

Os Novíssimos são e esperança dos justos. Só metem medo aos injustos, aos que vivem uma vida «morna», «mediocre», acumulando peso de muitas culpas, as quais, poderão ser espiadas no Purgatório, mas também, precipitar no Inferno. O justo sabe que a vida é breve, «sessenta anos ou oitenta para os mais robustos, mas passam depressa e nós partimos», mas pede ao Senhor «ensina-me a contar os meus dias e chegar à sabedoria do coração». O cristão quer deixar este mundo para ir ao encontro do Senhor, por isso, procura fazer o bem, segundo a Vontade de Deus. Ele bem sabe que é peregrino neste mundo, e que está a preparar-se para a felicidade eterna do Céu

(padreleo.org)